

QUALIDADE DA CONTAGEM CENSITÁRIA DOS CENTENÁRIOS NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO: UM ESTUDO COMPARATIVO

Juliana Barbosa Medeiros¹
Neir Antunes Paes²

RESUMO

Uma característica do envelhecimento populacional é o rápido crescimento da população de centenários em algumas regiões do mundo. Centenários, por definição, são sobreviventes que chegaram aos cem anos, ou seja, viveram cerca de 20 anos a mais do que a expectativa de vida média dos países desenvolvidos. Há o interesse sobre o estudo da população de centenários, pelo histórico que permeia este grupo específico com relação a superestimação e baixa fidedignidade das informações nos censos demográficos. O objetivo deste estudo consistiu em realizar uma análise exploratória da qualidade da contagem censitária dos centenários no Semiárido Brasileiro em 2000 e 2010. Tratou-se de um estudo exploratório e descritivo, com abordagem quantitativa, constituído por dados secundários de indivíduos com 100 anos ou mais, residentes no Semiárido Brasileiro. Para proceder a investigação comparativa e analisar a qualidade dos registros utilizou-se dados dos centenários no mundo, encontrados em 86 países que fazem parte da Organização das Nações Unidas (ONU). Os resultados encontrados neste trabalho evidenciam que a contagem censitária dos centenários no Semiárido Brasileiro evoluiu ao longo de 10 anos. Porém, mesmo com o avanço observado, os indicadores da região ainda estão distantes dos encontrados nos países mais desenvolvidos, fato esse preocupante, que merece atenção e cuidados na captação desse contingente populacional no próximo censo demográfico.

Palavras-chave: Centenários, Qualidade dos dados, Semiárido Brasileiro.

INTRODUÇÃO

Uma característica do envelhecimento populacional é o rápido crescimento da população de centenários em algumas regiões do mundo. Centenários, por definição, são sobreviventes que chegaram aos cem anos, ou seja, viveram cerca de 20 anos a mais do que a expectativa de vida média dos países desenvolvidos. Desde 1960, o número de centenários vem dobrando a cada dez anos, reflexo do crescente número de indivíduos com mais de 80 anos de idade na população mundial (WILMOTH et al., 2000). Em diversos países este segmento populacional cresce rapidamente. O número estimado de centenários em países desenvolvidos duplicou a cada década a partir de 1950 (UNITED NATIONS, 2005). Em 2013, havia cerca de 441.000 centenários em todo mundo. Em 2050, as projeções indicam que haverá cerca de 3,7 milhões, um aumento de cerca de oito vezes (UNITED NATIONS, 2015).

¹ Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Modelos de Decisão e Saúde da Universidade Federal da Paraíba-UFPB, julianabcnet@hotmail.com

² Professor Orientador: Doutor, Programa de Pós Graduação em Modelos de Decisão e Saúde-UFPB, neirpaes@yahoo.com.br.

Neste contexto, os dados dos censos demográficos brasileiros evidenciam que a população de centenários tem aumentado ao longo dos anos. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), esse contingente passou de 9.689 em 1950 para 11.990 centenários em 1980. Em 1991, foram recenseados 13.865 indivíduos com 100 anos ou mais no Brasil e, em 2000, 24.576, representando um aumento de 77% em nove anos. Como esperado, em função de diferenciais de mortalidade por sexo, cerca de 60% dos centenários, em 2000, eram mulheres. Contudo, em 2010, houve uma redução no número total de centenários recenseados com relação ao ano de 2000, passando para 24.236 pessoas. Conseqüentemente, a proporção de centenários na população total também diminuiu passando de 1,44 para 1,27 centenários por 10.000 indivíduos em 2000 e 2010 respectivamente (IBGE 2000; IBGE 2010) o que sugere possíveis problemas nos dados da população em idades avançadas nos censos demográficos brasileiros, especialmente nos mais antigos.

Apesar do evidente crescimento da população censitária no mundo, pelo menos desde os anos 1990, Coale & Caselli (1990) já chamavam a atenção que o incremento acentuado da população em idades avançadas nem sempre é verdadeiro, já que a contagem desses indivíduos está sujeita a erros, mesmo em países desenvolvidos. Os tipos de erros e magnitude do seu efeito sobre os dados dos centenários variam de um censo para outro. Os principais problemas na contagem da população centenária ocorrem pelos seguintes motivos: viés oriundo da imputação das idades omitidas na entrevista, erros na declaração de idade dos entrevistados, questões de forma do questionário, captura de dados, erros de codificação e processamento dos dados (TURRA, 2012).

Sendo o Brasil um país de contrastes, através de um olhar social, ou pela ótica geográfica, os distintos “Brasis” se expressam em variadas formas: na desigualdade de renda, de acesso à educação, aos serviços de saúde, ao poder político, nível de instrução, problemas no registro de eventos vitais e qualidade dos dados dos censos demográficos. As diferentes regiões refletem diferentes graus de desigualdade provocados pelo modelo de desenvolvimento por elas adotado, que conduzem a sociedade brasileira a díspares condições e formas de viver (CASTRO; RODRIGUES JÚNIOR, 2012).

Ao analisar esses contrastes regionais, desponta a região semiárida brasileira. Por sua vez, tem sido marcante a deficiência histórica das estatísticas vitais, registros e qualidade dos dados do Semiárido brasileiro, sendo as mais problemáticas do país seja na cobertura, regularidade ou qualidade das informações. Daí ser flagrante a problemática que existe quanto à qualidade dos indicadores baseados nas informações provenientes dos dados demográficos dessa região, que estão relacionados com baixos níveis de desenvolvimento social e

econômico (PAES, 2020). Tratando-se esses indicadores com relação à população idosa e centenária as dificuldades sobre a fidedignidades deles se exacerbam.

Deste modo, há maior interesse sobre o estudo da população de centenários, pelo histórico que permeia este grupo específico com relação a superestimação e baixa fidedignidade das informações, como também a importância de compreender onde e como estes idosos estão distribuídos, contribuindo para o estudo do entendimento do processo de envelhecimento nas regiões menos desenvolvidas.

Diante do próximo censo demográfico brasileiro - programado para julho de 2021 - e por não se ter nenhuma referência temporal para a população centenária mais recente, faz-se necessário conhecer a qualidade dos dados mais recentes disponíveis até então e diante desse conhecimento ter uma base mais sólida de comparabilidade com a contabilização dos centenários a serem recenseados em 2021. Diante do exposto, o objetivo deste estudo consistiu em realizar uma análise exploratória da qualidade da contagem censitária dos centenários no Semiárido Brasileiro em 2000 e 2010.

METODOLOGIA

Tratou-se de um estudo exploratório e descritivo, com abordagem quantitativa, constituído por dados secundários de indivíduos com 100 anos ou mais. Como cenário de estudo elegeu-se o Semiárido Brasileiro que compreende uma área total de 1.128.697 km², cobrindo quase 12% do território nacional. Esta região é composta, atualmente, por 1.262 municípios, pertencentes aos estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e Minas Gerais (SUDENE, 2017). No semiárido, em 2017, viviam aproximadamente 27,9 milhões de pessoas, que representavam 48% da população do Nordeste. A densidade populacional era de 25 hab./ km², sendo superior aos observados nas regiões Norte e Centro-Oeste e inferior às demais do país (IBGE, 2017).

Os dados utilizados nesse estudo para o Semiárido Brasileiro e os estados que compõem a região provêm do Censo Demográfico de 2000 e 2010 do IBGE. Para proceder a investigação comparativa com os dados dos centenários no mundo foram contemplados os 193 países que fazem parte da Organização das Nações Unidas (ONU) e, para a coleta dos dados, foi utilizado o sistema estatístico das Nações Unidas denominado “UNdata” (UNITED NATIONS, 2020).

Durante o processo de coleta de dados foram considerados os dados provenientes do último censo de cada país e definidos os seguintes critérios para inclusão dos países: 1) Ter a

informação específica da quantidade de centenários recenseados bem como da população de 85 anos e mais, tanto para homens como para mulheres; 2) Ter no último censo pelo menos 1 (um) centenário recenseado tanto homem como mulher; 3) A população do país ter no mínimo 50 (cinquenta) mil habitantes. Ao final, foram coletadas informações de 86 (oitenta e seis) países.

Após a coleta de dados, procedeu-se a construção dos seguintes indicadores para a análise da qualidade dos dados dos centenários. O primeiro indicador de possíveis erros de estimação foi calcular a proporção dos indivíduos com 100 anos ou mais pelo total da população, para homens e mulheres; a Razão de Sexo (RS) dos centenários que representa o cociente entre o total de centenários homens pelo de mulheres; a razão da população com 100 anos e mais e 85 anos e mais por localidade e sexo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da análise descritiva dos dados referentes aos indicadores dos centenários para os 86 países incluídos nesta pesquisa de acordo com os critérios estabelecidos são mostrados na Tabela 1 para os três indicadores do estudo. Devido a presença de “outliers” na distribuição dos dados a média dos valores não foi considerada como uma boa medida de centralidade. Ademais, são apresentados a média, mediana, intervalo interquartil Q1, Q2 e Q3, valor mínimo e máximo dos indicadores encontrados nos países.

Tabela 1: Média, mediana, quartis, valor máximo e mínimo dos indicadores segundo os indicadores para os centenários em 86 países selecionados vinculados as Nações Unidas.

INDICADOR	MÉDIA	Q1	MEDIANA Q2	Q3	MÍN	MÁX
Centenários/Habitantes						
Total	3,89	0,69	1,27	1,76	0,05	9,18
Masculino	1,35	0,11	0,24	0,45	0,00	4,60
Feminino	2,54	0,43	0,89	1,43	0,04	4,89
Razão de Sexo	0,38	0,18	0,28	0,55	0,02	1,10
Centenários/85 anos ou mais						
Total	2,01	0,63	0,91	1,82	0,09	17,19
Masculino	1,69	0,36	0,56	1,26	0,04	16,22
Feminino	2,20	0,71	1,08	1,92	0,12	18,13

Fonte: UnData, ONU, 2020.

Para atender à análise da qualidade dos dados dos centenários nos países pesquisados, é necessário compreender como os referidos indicadores se comportam nos países mais desenvolvidos, ou seja, nos países que tem o histórico de confiabilidade elevada dos seus

dados e registros. Portanto, para definir o quartil de comparabilidade foi calculado a média dos indicadores nos 20 países mais desenvolvidos de acordo com as ONU (Alemanha, Austrália, Canadá, Cingapura, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos, Federação Russa, Finlândia, França, Holanda, Irlanda, Islândia, Itália, Japão, Noruega, Nova Zelândia, Reino Unido, Suécia, Suíça), conforme apresentado no Tabela 2.

Tabela 2: Média e quartil no qual a média está inserida, dos 20 países mais desenvolvidos segundo os indicadores para os centenários.

INDICADOR	MÉDIA	QUARTIL PERTENCENTE NA LISTA DOS 86 PAÍSES
Centenários/Habitantes		
Total	1,740	Q2-Q3
Masculino	0,297	Q2-Q3
Feminino	1,422	Q2-Q3
Razão de Sexo	0,210	Q1-Q2
Centenários/85 anos ou mais		
Total	0,871	Q1-Q2
Masculino	0,526	Q1-Q2
Feminino	1,034	Q1-Q2

Fonte: UnData, ONU, 2020.

Para realizar as comparações e avaliar a qualidade dos dados dos centenários no Semiárido Brasileiro, a faixa interquartílica considerada como base de análise foram os valores dos indicadores inseridos no intervalo (Q1 e Q3) referentes aos dados dos centenários dos 86 países selecionados vinculados as Nações Unidas (Tabela 1). Foi possível chegar a essa definição através da análise das médias dos referidos indicadores entre os países desenvolvidos, identificando que as médias se encontravam, no geral, entre o intervalo interquartílico Q1 e Q3, como apresentado na Tabela 2.

A distribuição dos centenários pela população total no Brasil, Semiárido e por estados em 2000 e 2010 se encontra na Tabela 3. Observou-se uma elevada proporção de pessoas com 100 anos ou mais em todos os estados do semiárido. Para 2000, tanto na região semiárida como um todo e grande parte dos estados (07) existia entre um e dois centenários por cada 10.000 habitantes. Os estados que apresentaram o maior número de centenários recenseados foram a Bahia (2,27) e Minas Gerais (2,46). Em 2010, houve um aumento do número de estados que recensearam dois ou mais centenários em comparação ao ano de 2000, de 02 para 06, inclusive o total do Semiárido que passou de 1,83 para 2,03. Ademais, a Bahia foi o único estado que apresentou mais de 2,5 centenários por habitantes, ocorrido em 2010.

Tabela 3: População com 100 anos ou mais em relação ao total da população (p/10.000 hab.) por sexo, segundo as áreas do Semiárido e o Brasil, 2000 e 2010.

REGIÃO	2000			2010		
	Total	M	F	Total	M	F

Brasil	1,44	0,61	0,83	1,27	0,38	0,89
Semiárido	1,83	0,76	1,06	2,03	0,68	1,34
Piauí	1,36	0,63	0,73	1,36	0,44	0,91
Ceará	1,63	0,68	0,95	1,63	0,61	1,01
Rio Grande do Norte	1,54	0,66	0,88	2,11	0,69	1,42
Paraíba	1,79	0,76	1,03	2,11	0,71	1,40
Pernambuco	1,52	0,67	0,85	1,63	0,49	1,13
Alagoas	1,70	0,74	0,95	1,44	0,46	0,97
Sergipe	1,48	0,60	0,88	2,15	0,72	1,42
Bahia	2,27	0,91	1,36	2,73	0,92	1,81
Minas Gerais	2,46	0,99	1,47	2,49	0,77	1,71

Fonte: IBGE (2000; 2010).

As proporções de centenários encontrados para o Semiárido sugerem possíveis problemas de superestimação nos dados da população em idades avançadas nos censos demográficos brasileiros. Apesar do empenho do IBGE em aperfeiçoar os dados censitários ao longo das últimas décadas, ainda existem problemas relacionados à exatidão dos registros e informações (IBGE 2010). Existem alguns estudos internacionais (Chuanwan et. al. 2012; Terblanche e Wilson 2015) e nacionais (Gomes e Turra 2008, 2009) que estimam de forma indireta o número de pessoas em grupos de idades mais avançadas, incluindo o grupo de pessoas com 100 anos e mais, com intuito de avaliar a consistência do número de centenários recenseados pelo censo demográfico.

Para o Brasil, Gomes e Turra (2008, 2009) estimaram o número de pessoas com 100 anos e mais com base no número de óbitos dos centenários, alcançados através da aplicação de três métodos distintos: o método de Gerações Extintas e os métodos propostos por Rosenwaike (1968) e Coale e Caselli (1990). Segundo os autores, em 1991 e 2000, observaram-se diferenças significativas entre os resultados estimados indiretamente e a população recenseada pelo IBGE. Em 1991, os métodos indiretos mostraram um número de centenários no país quase quatro vezes menor do que o recenseado pelo IBGE (Gomes e Turra 2009). Em 2000, a estimativa indireta baseada no método de Coale e Caselli (1990) indicou um número de centenários também bem inferior, aproximadamente de 6.177 pessoas para ambos os sexos, contra 24.576 pessoas recenseadas pelo censo demográfico daquele ano (GOMES & TURRA, 2008).

Comparando esse indicador dos centenários na região semiárida com os países mais desenvolvidos que possuem comprovadamente uma boa qualidade dos dados censitários (Tabela 2), os resultados encontrados no Semiárido (2000: 1,83 e 2010: 2,03), são elevados se comparados aos valores de países, como por exemplo: Holanda (1,14); Alemanha (1,67);

Canadá (1,74); Suíça (1,76). O número de centenários recenseados pelo número de habitantes, no semiárido e seus estados, assemelham-se aos valores encontrados na Itália (2,53) Japão (3,42) e França (3,60), países esses reconhecidos comprovadamente pelo seu grande número de centenários e incremento populacional considerado ao longo dos anos (KUMON, SILVA, GOMES, 2011).

Analisando os valores da Tabela 3 para o indicador referente ao número de centenários em relação à população e comparando com os valores do intervalo interquartil definido como padrão (0,69-1,76), observou-se que em 2000, as seguintes áreas apresentaram valores dentro do referido intervalo: Brasil, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Alagoas e Sergipe. Porém, para 2010, as únicas áreas que permaneceram dentro do intervalo foram: Brasil, Piauí, Ceará, Pernambuco e Alagoas. Notou-se que os estados da Bahia e Minas Gerais, em nenhum dos dois anos averiguados, estiveram dentro dos parâmetros aceitáveis de confiabilidade dos dados.

Com relação ao sexo e ao analisar o comportamento do indicador nos anos de 2000 e 2010, notou-se que para a população masculina apenas os estados do Rio Grande do Norte, Sergipe e Bahia não apresentaram diminuição do número de homens centenários por 10000 habitantes. Em contraponto, as mulheres centenárias aumentaram em todas as regiões investigadas, ao longo de 10 anos.

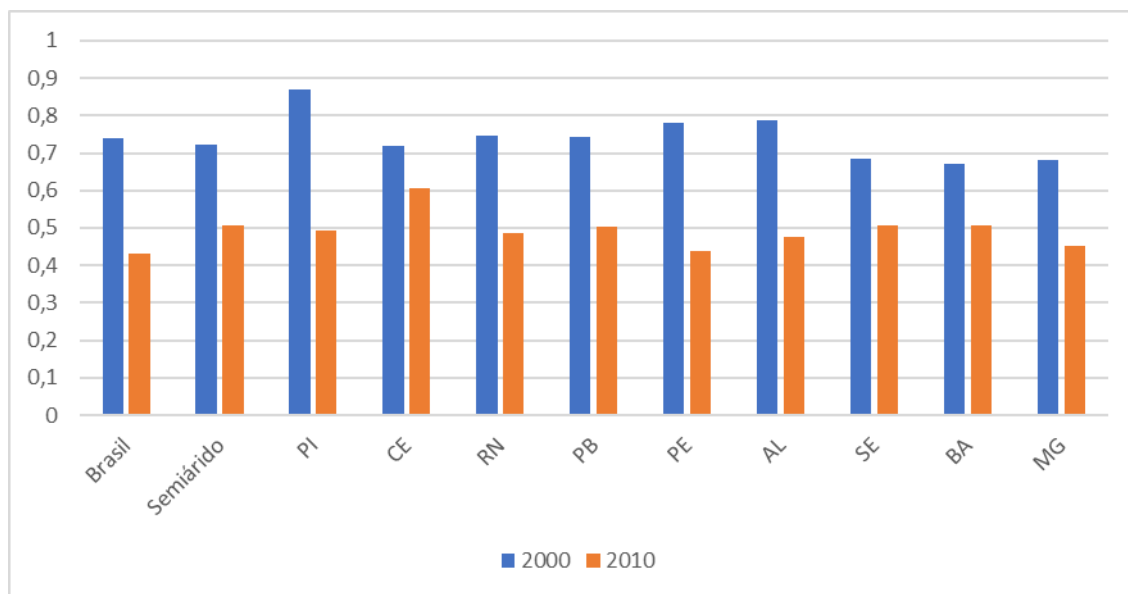
A feminização da velhice já é um fenômeno retratado na literatura (CAMARANO & KANSO, 2009; FERREIRA, 2006; GOMES & TURRA 2008). Devido às diferenças da mortalidade por sexo ao longo da vida, a proporção de mulheres na população aumenta com a idade. Isso é especialmente notável nas idades mais elevadas, em que a proporção de mulheres aumenta acentuadamente.

De 2000 para 2010, no Brasil, notou-se um aumento da participação feminina em todos os grupos de idade e o crescimento da proporção de mulheres em relação aos homens a medida em que a idade avança. No grupo etário de 70 a 79 anos, 56,3% eram mulheres, contra 65,5% no grupo etário 90-99, chegando a 70,1% do total de pessoas na população de 100 anos e mais (IBGE 2000; IBGE 2010). A tendência esperada é a diminuição do número de homens e aumento das mulheres centenárias ao longo dos anos. Ao analisar particularmente os estados do Rio Grande do Norte, Sergipe e Bahia, observou-se o aumento do número de centenários homens o que está em contramão ao fenômeno já mencionado.

Um indicador que expressa uma baixa qualidade na contagem da população centenária é uma elevada Razão de Sexo. A razão varia em função da idade, porém em idades avançadas, o decréscimo deste indicador é consequência da maior mortalidade masculina em relação à

feminina (CAMARANO & KANSO, 2009). A Figura 1 representa a razão de sexo dos centenários no Brasil e na região semiárida para os anos de 2000 e 2010. Em 2000, notou-se que o Brasil, o Semiárido e seis estados possuíam razão de sexo maior que 0,7, sendo o Piauí o estado com maior valor para este indicador (0,86). Comparando os valores entre os anos, notou-se que este indicador em 2010 diminuiu em todas as regiões estudadas, destacando-se a região semiárida de Pernambuco que apresentou a menor razão de sexo (0,43) em 2010.

Figura 1: Razão de sexo dos centenários no Brasil e nas áreas do Semiárido, 2000 e 2010.



Fonte dos dados básicos: IBGE (2000; 2010).

No ano 2000, os valores da razão de sexo estavam todos fora do intervalo de referência mundial (0,18-0,55) encontrados na Tabela 1 e também da referência dos 20 países mais desenvolvidos (Tabela 2) para esse indicador. Desse modo, os valores do Semiárido só poderiam ser explicados por variações significativas nos erros de declaração de idade por sexo ou por algum efeito de concentração de população masculina nessas áreas em razão de migrações passadas (GOMES & TURRA 2016), embora essa última explicação seja menos provável devido ao arrefecimento dos movimentos migratórios no Nordeste na última década. A redução geral da RS em 2010 pode sinalizar uma melhoria da qualidade dos dados dos centenários. Ainda assim, com exceção da região semiárida do estado do Ceará, as demais estiveram dentro do intervalo dos países do mundo para a RS, mas nenhuma região esteve no intervalo dos 20 países mais desenvolvidos. Considerando este último intervalo, notou-se que os valores das RS do Semiárido ainda estão distantes dos países mais desenvolvidos considerados com alta qualidade para centenários, dentre eles: Suécia (0,18), Suíça (0,18), Noruega (0,19), Alemanha (0,14), Irlanda (0,15), Reino Unido (0,20), Estados Unidos (0,20).

O outro indicador de possíveis erros de contagem censitária que se refere a razão entre o número de centenários com 100 anos ou mais e a população com 85 anos ou mais no Semiárido é mostrado na Tabela 4. Observou-se que no Brasil e nas áreas do Semiárido houve diminuição dos valores deste indicador no decorrer dos anos, com exceção, novamente, para os estados do Rio Grande do Norte e Sergipe. Para estes, os erros parecem ser mais evidentes quanto a contagem de centenários.

Tabela 4: População com 100 anos ou mais em relação à população com 85 anos ou mais de idade por sexo, segundo o Brasil e áreas dos Estados do Semiárido, 2000 e 2010.

Região do Semiárido	2000 (%)			2010 (%)		
	Total	M	F	Total	M	F
Brasil	3,09	3,44	2,87	1,91	1,56	2,11
Semiárido	2,73	2,59	2,85	2,21	1,73	2,58
Piauí	2,78	2,98	2,62	1,83	1,43	2,13
Ceará	2,46	2,22	2,67	1,90	1,45	1,97
Rio G. do Norte	1,98	1,80	2,15	1,99	1,46	2,41
Paraíba	2,13	2,01	2,23	1,77	1,39	2,04
Pernambuco	2,34	2,33	2,35	1,74	1,34	2,32
Alagoas	2,96	2,88	3,02	2,10	1,55	2,53
Sergipe	2,11	1,82	2,37	2,61	1,97	3,13
Bahia	3,27	3,09	3,41	2,94	2,35	3,36
Minas Gerais	4,41	4,36	4,45	3,08	2,40	3,52

Fonte: IBGE (2000; 2010).

De forma geral, observou-se que em 2000, no total ou segundo o sexo, nenhum valor desde último indicador esteve dentro do intervalo interquartil do parâmetro mundial (0,639-1,826) da Tabela 1. No entanto, em 2010, para o total (ambos os sexos), apenas os estados da Paraíba e Pernambuco apresentaram valores dentro do intervalo de referência mundial para este indicador. Comparando com o intervalo de referência interquartil dos 20 países mais desenvolvidos (Tabela 2), os valores do Semiárido possuíram níveis bastante muito elevados. Considerando alguns países que pertencem a este intervalo de países, percebe-se o quanto as áreas dos estados do Semiárido ficaram distantes em termos de qualidade desse indicador, tendo como exemplo: Suécia (0,69), Suíça (0,75), Noruega (0,64), Alemanha (0,71), Irlanda (0,58), Reino Unido (0,88), Estados Unidos (0,97). Para esses países a razão não ultrapassa o limite de 1%, o que evidencia que tanto no Brasil como no Semiárido houve melhora para esse indicador década, mas ainda com uma qualidade dos dados insatisfatória.

Com valores bem destoantes e elevados destacaram-se as áreas semiáridas dos estados da Bahia e de Minas Gerais no período. São poucas as situações no mundo análoga a esse comportamento. Para fins comparativos, foram encontrados valores aproximados apenas no Quirquistão, Nicarágua e Andorra, países esses com baixa qualidade dos registros dos centenários. Portanto valores elevados como esses não foram observados em nenhum país que tem histórico de boa qualidade em seus dados e registros.

Os resultados encontrados a partir da análise dos três indicadores são consistentes com estudos anteriores sobre a qualidade dos dados da população centenária para a população brasileira, os quais fizeram uso dos mesmos indicadores (Ferreira 2006; Gomes e Turra 2008, 2009; Reis e Turra, 2016). De acordo com os resultados desses estudos e os encontrados neste, dois fatores merecem ser destacados a partir dos resultados. Em primeiro lugar, nos estudos referidos, observou-se uma alta proporção de centenários, especialmente do sexo masculino, em regiões brasileiras que são reconhecidas por terem baixa qualidade de registros vitais. Neste trabalho, o mesmo foi observado para o Semiárido. Nesta mesma linha, Paes (2020) chamou a atenção para o fato de que a região semiárida, na década passada, possuía níveis de sub-registro importantes, tanto dos nascimentos quanto dos óbitos, os quais estariam atrelados a condições de vida e de um sistema de coleta e registro de dados mais frágil.

Em segundo lugar, observou-se uma mudança importante nos indicadores de qualidade na contagem da população centenária em 2010, reforçando a ideia de que os dados mais antigos são de pior qualidade e que na medida em que coortes mais escolarizadas, cujos membros tem melhor conhecimento sobre seus próprios eventos vitais substituem as coortes anteriores, há uma melhoria nos resultados (KUMON et al, 2009), porém mesmo com esse avanço ao longo da década, os resultados ainda estão distantes daqueles encontrados nos países desenvolvidos.

O processo de envelhecimento no Brasil e no Semiárido ainda está atrás dos países desenvolvidos. Países como Estados Unidos, Japão e Itália já são reconhecidos há anos com seu grande incremento populacional de idosos, o que reflete nos indicadores estudados e evidencia-se o real e confiável aumento do número de centenários nesses países (KUMON et al, 2011).

CONCLUSÕES

De maneira geral, os dados referentes aos centenários evoluíram com o tempo, pois os dados censitários, especialmente para as idades mais avançadas, tendem a melhorar ao longo dos anos, a medida em que as populações de octogenários, nonagenários e centenários se

tornam maiores e seus membros passarem a ser encontrados com mais frequência nos domicílios brasileiros. Porém, mesmo com o avanço observado, os indicadores do Semiárido ainda estão distantes dos encontrados nos países mais desenvolvidos, fato esse preocupante, que merece atenção e cuidados na captação desse contingente populacional no próximo censo demográfico.

Interpretando o comportamento dos indicadores encontrados nos estados pertencentes ao Semiárido, foi possível classificá-los quanto ao grau de confiabilidade dos dados e registros dos centenários. O estado de Pernambuco foi considerado como o estado com o grau mais aceitável de confiança, seguido de Piauí, Ceará, Paraíba e Alagoas considerados como um grau intermediário de confiabilidade, já o Rio Grande do Norte, Sergipe, Bahia e Minas Gerais foram elencados como os estados com dados menos fidedignos no tocante as contagens censitárias de centenários em 2000 e 2010.

Os indicadores e resultados aqui tratados podem colaborar com a compreensão do verdadeiro panorama na distribuição dos idosos longevos, indicando áreas que necessitam melhorar seus registros e informações, para assim acompanhar mais fidedignamente o processo de envelhecimento da população brasileira e em especial do Semiárido. As análises realizadas nesse estudo podem servir de alerta para que sejam estabelecidos mecanismos de captação e controle desses dados de forma a minimizar erros específicos e evitar repetições de erros no próximo Censo Demográfico Brasileiro a ser realizado em 2021.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, N. Q.; CAMPOS, C. H. Caracterização do semiárido brasileiro. In: CONTI, Irio Luis; SCHROEDER, Edni Oscar. **Convivência com o semiárido brasileiro: autonomia e protagonismo social**. Brasília: IABIS, 2013.

CAMARANO, A. A.; KANSO, S. **Perspectivas de crescimento para a população brasileira: velhos e novos resultados**. IPEA: Brasília. 2009.

CASTRO, J. M.; RODRIGUES-JÚNIOR, A. L. A influência da mortalidade por causas externas no desenvolvimento humano na Faixa de Fronteira brasileira. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 28, p. 195-200, 2012.

CHUANWAN, Sutthida et al. Incompleteness of registration data on centenarians in Thailand. **Journal of Population and Social Studies [JPSS]**, v. 20, n. 2, p. 38-54, 2012.

COALE, A. J.; CASELLI, G. Estimation of the number of persons at advanced ages from the number of deaths at each age in the given year and adjacent years. **Genus**, p. 1-23, 1990.

FERREIRA, J. V. C. Os muito idosos no município de São Paulo [dissertação]. **São Paulo (SP): Faculdade de Saúde Pública**, 2006.

GOMES, M. M. F. et al. **Quantos são os centenários no Brasil? Uma estimativa indireta da população com 100 anos e mais com base no número de óbitos.** Cedeplar, Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

GOMES, M. M. F.; TURRA, C. M. The number of centenarians in Brazil: Indirect estimates based on death certificates. **Demographic Research**, v. 20, p. 495-502, 2009.

IBGE. **Censo 2000.** Rio de Janeiro: IBGE. 2000. Disponível em: <<www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000>> Acesso em: 07 de mai. 2020.

IBGE. **Censo 2010.** Rio De Janeiro: IBGE. 2010. Disponível em: <<<https://censo2010.ibge.gov.br>>>. Acesso em: 06 abr. 2018.

PAES, Neir Antunes; DA SILVA, Everlane Suane de Araújo; MACIEL, Kelfanio Alves. Uma abordagem metodológica para a construção de tábuas de vida para o semiárido Brasileiro a partir dos óbitos registrados/A methodological approach for the construction of life tables for the Brazilian semi-arid from registered deaths. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 5, p. 31635-31646, 2020.

REIS, C. S.; TURRA, C. M. Distribuição espacial dos centenários no Brasil: uma análise exploratória da qualidade dos dados dos censos de 2000 e 2010. **Revista Espinhaço|UFVJM**, p. 52-61, 2017.

SUDENE. SUPERINTENDÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE. **Resolução 115 de 2017.** Disponível em: <<<http://sudene.gov.br/images/arquivos/semiarido/arquivos/resolucao115-23112017-delimitacaodosemiarido-DOU.pdf>>>. Acesso em: 07/06/2020.

TERBLANCHE, W; WILSON, T. An evaluation of nearly-extinct cohort methods for estimating the very elderly populations of Australia and New Zealand. **PloS one**, v. 10, n. 4, p. e0123692, 2015.

TURRA, C. M. Os limites do corpo. **Revista da Universidade Federal de Minas Gerais**, v. 19, n. 1 e 2, p. 156-181, 2012.

UNITED NATIONS. World Population Prospects. The 2004 Revision. New York: United Nations. 2005. Disponível em: <<www.un.org/esa/population/publications/WPP2004/wpp2004.htm>> Acesso em: 08 abr. 2010.

UNITED NATIONS. World Population Prospects: 2015 Revision. New York: United Nations. 2015. Disponível em: <<www.un.org/en/development/desa/population/.../pdf/ageing/WPA2015_Report.pdf>> Acesso em: 08 abr. 2010.

WILMOTH, J. R. et al. Aumento da vida útil máxima na Suécia, 1861-1999. **Ciência**, v. 289, n. 5488, p. 2366-2368, 2000.